O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8206861

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ÉTICA HUMANA UNIVERSAL E ALTERIDADE: DIÁLOGOS COM FREIRE, BUBER, MARCEL E MOUNIER

Aparecida Maria Almeida Barros[1]

Manoel Messias de Oliveira[2]

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia[3]

Resumo

O estudo tem por objetivo problematizar questões emergentes nestes tempos de pandemia e pós-pandemia, ancorada na seguinte indagação: o que a pandemia nos exorta a aprender e a restaurar no sentido ético-humano? Utilizamos como temas geradores as categorias Ética Humana Universal e Alteridade, na acepção de Paulo Freire, atualizando-as na interlocução dialógica com os autores Emanuel Mounier, Martin Buber e Gabriel Marcel, cujos referenciais constituíram no campo teórico. Por meio da pesquisa bibliográfica, realizamos a leitura interpretativa analítica, com a finalidade de compreender nas obras de Freire aspectos nos quais a ética humana universal se expressa na relação do eu com o outro, evidenciando a interlocução com os autores referenciados. No exercício de extrair princípios e sentidos das referidas categorias, que possibilitam a atualização do pensamento e visão do autor, realçamos sua contribuição teórica e metodológica para dimensionar a humanidade e a alteridade configuradas nas circunstâncias atuais, a fim de repensar o humano no mundo e nas relações. Enquanto resultados, realçamos a necessidade de restaurar os sentidos do humano e da alteridade, refletindo sobre os efeitos do cerceamento das liberdades, do recrudescimento de trincheiras que negam a humanidade e rompem com os princípios da Ética. Evidenciamos que as disposições do discurso único, assim como as visões binárias (polarizadas) inviabilizam as possibilidades de diálogo. Dialeticamente, percebidos nas contradições, mas também nos processos de superação, a interlocução propiciada pelos autores, aponta para uma possibilidade de restauração do humano e da alteridade nesse tempo denominado pós-pandemia, fundada na perspectiva da emancipação, da liberdade e da autonomia, geradas da e na reflexão-ação-reflexão oriundas da experiência, assim como das práxis de percursos dos que atravessaram e sobreviveram ao deserto da pandemia.

Palavras-chave: Alteridade; Ética Humana Universal; Práxis de Percurso.

Abstract

The study aims to problematize emerging issues in these times of pandemic and post-pandemic, anchored in the following question: what does the pandemic urge us to learn and restore in the ethical-human sense? We used as generating themes the categories Universal Human Ethics and Alterity, in the sense of Paulo Freire, updating them in the dialogical dialogue with the authors Emanuel Mounier, Martin Buber and Gabriel Marcel, whose references constituted the theoretical field. Through the bibliographical research, we carried out the analytical interpretative reading, with the purpose of understanding in Freire's works aspects in which the universal human ethics is expressed in the relationship of the self with the other, evidencing the interlocution with the referenced authors. In the exercise of extracting principles and meanings from these categories, which make it possible to update the author's thought and vision, we emphasize his theoretical and methodological contribution to dimension humanity and otherness configured in current circumstances, in order to rethink the human in the world and in relationships. As results, we emphasize the need to restore the meanings of the human and otherness, reflecting on the effects of the curtailment of freedoms, the resurgence of trenches that deny humanity and break with the principles of ethics. We show that the provisions of the single discourse, as well as the binary (polarized) views, make the possibilities of dialogue unfeasible. Dialectically, perceived in the contradictions, but also in the processes of overcoming, the interlocution provided by the authors, points to a possibility of restoring the human and alterity in this time called post-pandemic, based on the perspective of emancipation, freedom and autonomy, generated from and in reflection-action-reflection arising from experience, as well as from the praxis of paths of those who crossed and survived the desert of the pandemic.

Keywords: Alterity; Praxis of Path; Universal Human Ethics.

[1] Professora da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: cidaab@gmail.com

[2] Professor da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: messiasfilo@yahoo.com.br

[3] Professor da Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS). Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: ragimenesgarcia@gmail.com

INTRODUÇÃO

O interesse dos pesquisadores em investir nessa pesquisa, teve como ponto de partida o contexto da pandemia, marcado por diversos enfrentamentos, que mobilizaram e desafiaram a todos em diferentes condições. No exercício de compartilhar leituras e buscar as possíveis interlocuções, direcionamos o estudo com a seguinte indagação: o que a pandemia nos exorta a aprender e a restaurar no sentido ético-humano? Utilizamos como temas geradores as categorias Ética Humana Universal e Alteridade, na acepção de Paulo Freire, atualizando-as na interlocução dialógica com os autores Emanuel Mounier, Martin Buber e Gabriel Marcel, cujos referenciais constituíram no campo teórico. Por meio da pesquisa bibliográfica, realizamos a leitura interpretativa analítica, com a finalidade de compreender nas obras de Freire aspectos nos quais a ética humana universal se expressa na relação do eu com o outro, evidenciando a interlocução com os autores referenciados. No exercício de extrair princípios e sentidos das referidas categorias, que possibilitam a atualização do pensamento e visão do autor, realçamos sua contribuição teórica e metodológica para dimensionar a humanidade e a alteridade configuradas nas circunstâncias atuais, a fim de repensar o humano no mundo e nas relações.

A investigação teve como desdobramento compreender a visão de Paulo Freire sobre a categoria ética humana universal. Mergulhamos na leitura de obras em que essa categoria se expressa enquanto eixo fundamental colocado na interlocução com problemas, questões e ações do ser, estar e intervir no mundo, visualizando a ética humana universal na acepção de Paulo Freire. Em seguida situamos a alteridade na acepção de Mounier, Buber e Marcel, buscando o diálogo com o pensamento destes autores. Alteridade teria aproximações com o sentido de ética humana universal? Ao situar e discorrer a cerca desta questão, apontamos as reflexões que nos permitem atualizar os conceitos na restauração da humanidade almejada, problematizando as condições de pandemia e pós-pandemia, vivenciadas a partir de 2020.

Na interlocução interpretativa, estabelecemos os nexos com a práxis dialógica inscrita no pensamento e na ação de Paulo Freire, de modo a situar tanto na ética humana universal, quanto na alteridade, as possibilidades de diálogos com Mounier, Buber e Marcel, tomando como horizonte a expectativa de restauração do humano e da alteridade, dialeticamente compreendida no exercício das práxis de percursos.

Ciente de não esgotar todas as possibilidades de análises em torno da interlocução desses autores, apontamos nas contribuições do estudo, a necessidade de restaurar os sentidos do humano e da alteridade, refletindo sobre os efeitos do cerceamento das liberdades, do recrudescimento de trincheiras que negam a humanidade e rompem com os princípios da Ética. Evidenciamos que as disposições do

discurso único, assim como as visões binárias (polarizadas) inviabilizam as possibilidades de diálogo. Dialeticamente, percebidos nas contradições, mas também nos processos de superação, a interlocução propiciada pelos autores, aponta para uma possibilidade de restauração do humano e da alteridade nesse tempo denominado pós-pandemia, fundada na perspectiva da emancipação, da liberdade e da autonomia, geradas da e na reflexão-ação-reflexão oriundas da experiência vivenciada, assim como das práxis de percursos dos que atravessaram e sobreviveram ao deserto da pandemia.

O texto resultante do estudo, além da introdução e das conclusões, se organiza em quatro sessões, assim direcionadas: iniciamos com a sessão ‘a pandemia e a pós-pandemia como problema e tema gerador’, em que contextualizamos os tempos recentes, os problemas e enfrentamentos que marcaram essa experiência histórica, enquanto um divisor nessa terceira década do século XXI. A expectativa do tema gerador sinaliza a pertinência de atualização das categorias teóricas evidenciadas pelos autores de referência. Na segunda sessão “ética humana e alteridade em Freire’, destacamos o percurso teórico metodológico da pesquisa bibliográfica, com a imersão no referencial de Paulo Feire, tomado como ponto de partida para a interlocução pretendida. Na sequência, a terceira sessão “a alteridade em Buber, Mounier e Marcel”, desdobramos o campo das categorias conceituais, na acepção dos autores existencialistas. Na quarta sessão “contribuições da filosofia sobre os sentidos da Ética universal e Alteridade”, tecemos a leitura interpretativa analítica inferindo a interlocução dos autores.

A PANDEMIA E A PÓS-PANDEMIA COMO PROBLEMA E TEMA GERADOR

A atualização das categorias freireanas no contexto do século XXI, perpassado neste momento por distintas crises, que envolvem os modos de apreensão e aplicação da racionalidade, nos exorta a situar o tempo e o espaço, em que Ética Humana Universal e Alteridade se colocam na centralidade da problematização e no horizonte de perspectivas para as possibilidades de restauração do humano no atual contexto.

A contextualização, considerada em diferentes escalas, parte da pandemia deflagrada em território chinês ao final de 2019, provocada pelo SARS-CoV-2, o vírus causador da COVID-19 e suas variantes, que alcançou uma dimensão planetária, logo no início de 2020. A instauração de protocolos sanitários, a adoção de medidas para a proteção individual e coletiva se anteciparam para as famílias, as instituições e as autarquias, enquanto os pesquisadores, laboratórios e entidades de saúde se movimentavam no sentido de descobrir e desenvolver os insumos para a imunização e controle do vírus.

Imersos no caos, cujas origens e motivações foram tão variadas, quanto diversas as situações de pânicos, a coexistência com a morte, os sofrimentos, assim como a quebra de costumes milenares,

ressoaram em muitas formas de adoecimentos, de espantos e de enfrentamentos. Talvez a metáfora de um imenso necrotério, percebida em todas as dimensões, seria aplicada no desenho da barbárie que se instalou mundialmente.

Entretanto, é pertinente asseverar que, nesta vala de horrores, as circunstâncias também foram diversas. Os modos como cada criatura vivenciou as intempéries, também expressa as diferenças e os agravamentos. Porquanto cada país, cada região ou localidade foi atingida dentro de escalas diferenciadas, sem precedentes, sem similaridades. As incertezas e os enfrentamentos forjados sob condições adversas, refletiram e trouxeram à lume realidades distintas, marcadas formas de exclusão, de precarização e sofrimentos outros, que se somaram ao olho do furacão desencadeado pela pandemia.

Provisoriamente, ainda de forma ensaística, já seja possível indicar algumas percepções de que esse tempo de pandemia vem promovendo movimentos de rupturas, cujos efeitos e desdobramentos são diversos e adversos. Nas tramas contraditórias estão a revelar e a desvelar diferentes processos que se contrapõem em escalas, em sentidos e, principalmente, quanto ao foco de interesse. Por exemplo, enquanto milhares de famílias vivenciavam concretamente o enterro de seus mortos, fora dos costumes, desprovidos das honras pós-mortis, somados a outras tantas formas de enfrentamentos na incerteza da sobrevivência, contraditoriamente, vimos emergir ações e reações que se encarregavam de ‘desenterrar’ das catacumbas históricas, discursos (e necrodiscursos) portadores de negacionismo, expressão de radicalismos e fanatismos, dentre outras possibilidades.

Ao aproximarmos de três anos desde o início dessa pandemia, ainda somos incapazes de explicar, tampouco de compreender com clareza, as repercussões, impactos que envolveram os diferentes contextos e escala em tão curto tempo. Os desdobramentos que estão a influenciar a sociedade, a economia, o trabalho, o Estado, a política, as instituições, e, sobretudo, a educação e a saúde. Enfim, estamos diante de rupturas dos códigos e padrões culturais e espirituais que organizam a vida no sentido pleno e irrestrito.

O pós-pandemia, ainda se mantém em situação de contaminação, apontam sequelas e mortes, fora da explicação racional e científica; têm indicado outras preocupações, fora do alcance da ciência, do estado, da sociedade. O acirramento de diferentes formas de violências, atestam o desmonte da humanidade, do humano e das relações em diversas circunstâncias, evidencia dispersões de princípios éticos e estéticos, que outrora estruturavam a vida em sociedade.

Abrir perspectivas para atualizar as categorias conceituais, atravessa as nossas disposições no sentido de forjar formas de sobrevivência, restaurar a vida, buscar novos horizontes para abordar a Ética humana universal e a Alteridade, enquanto tarefa acadêmica e compromisso ético com o conhecimento e com a verdade.

Diálogo e experiência tem sido temas frequentemente abordados no meio científico, no exercício de atualização de categorias conceituais, assim como atestando a fertilidade das discussões em diferentes campos do conhecimento, tanto na pós-graduação, quanto na formação de professores, tecendo questões e problematizações sobre vários temas. Martins *et al*., (2021), fundamenta na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, referenciando a contribuição do autor com uma leitura interessante das teorias do currículo numa perspectiva crítica.

Santos (2022), situa o conceito de diálogo em Freire, na interlocução com o dialogismo Bakhtiniano, ao abordar o tema da formação de professores, por meio da experiência de estudo propiciada por uma disciplina na pós-graduação. Já Fortunato (2023), enfatiza aspectos da atuação docente e do ofício do professor referenciando em Paulo Freire o conceito de experiência, interpretado à luz de vivências do cotidiano da educação.

Esses indicadores realçam não apenas a atualidade do pensamento e obras do autor, revisitados no atual contexto, como também, desafiam os pesquisadores a aprofundarem as categorias conceituais, resgatando os sentidos e propósitos originários do campo teórico no qual os conceitos e perspectivas emergiram.

Acionar o diálogo com Freire, Mounier, Buber e Marcel, em torno da atualidade dessas categorias, revigora o nosso desejo de vida e de superação, em que se inscreve o pós-pandemia. Considerado nos limites e nas condições, mas, sobretudo, imbuídos no despertar de uma humanidade forjada nas lutas, oriunda dos enfrentamentos.

As categorias conceituais destes autores, percebidas no potencial de interlocução, nos permitem alargar o olhar a respeito dos usos e efeitos da racionalidade e da crise que se impõem nestes tempos, propiciam, sobretudo, a visualizar perspectivas éticas, estéticas e políticas. Impulsionadas pela esperança de um porvir gerado na e pela sensibilidade da vida em permanente construção. Revestidas da beleza do existir, na criatividade do ressurgir, na soma dos afetos (do verbo contagiar), na potência das vontades, alicerçadas na coerência, no rigor, no compromisso com a verdade, na crítica e autocrítica dialética, vivenciada nas práxis de percursos, nas experiências de humanidade.

A ÉTICA HUMANA E ALTERIDADE EM FREIRE

Selecionamos nas obras de Paulo Freire: Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Indignação, Pedagogia da Esperança e Professora Sim, Tia Não, relações que exortam sentidos e atribuições à ética humana universal, assim como a compreensão de alteridade.

> Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertido das possíveis críticas que, infiéis a meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um "a priori" da História. (...) É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude (FREIRE, 1996, p. 11).

No aprofundamento de leitura, extraímos as percepções nas obras referenciadas. Embora não haja rigorosamente uma separação conceitual, pela compreensão de ética e alteridade enquanto práxis indissociadas, indicamos as variáveis em destaque apenas para efeito didático, na condução interpretativa analítica.

Quadro 1 -Ética e Alteridade

SENTIDOS DA ÉTICA HUMANA UNIVERSAL	A ALTERIDADE PRECONIZADA
Princípio do Rigor: Rigor teórico e metodológico, ao esboçar a crítica fundamentada, com posicionamento, argumento e consequência. Rigor epistemológico... **Princípio da Verdade:** Compromisso com a verdade, com as ciências. **Princípio da Liberdade**: que se reveste da responsabilidade social, da defesa da democracia. **Princípio da Responsabilidade**: postura, escolha, decisões, consequências. **Princípio da Coerência:** reduzir as lacunas entre o que se pensa, o que se ensina/aprende e o que se vive na experiência humana concreta de ser e estar no mundo. **Princípio da Contradição:** o potencial humano de criar e instituir padrões éticos, é o mesmo que está sujeito à transgressão ética. **Princípio do Respeito:** Respeito à dignidade, à autonomia, à capacidade de decisão e de ação individual e social. **Princípio do Bom Senso:** Aciona a subjetividade, a sensibilidade necessária para dimensionar as circunstâncias da ação e da intervenção prudente e consequente. **Princípio da Utopia:** Da esperança que se materializa na ação; Da persistência e da perseverança. Da mudança possível, pela ação de sujeitos em diferentes escalas e circunstâncias. Da possibilidade reativa frente ao determinismo. **Princípio da Curiosidade:** Despertar das vontades; Curiosidade gnosiológica; Curiosidade epistêmica; interrogativa; indagativa.	**Premissas:** Formar é diferente de treinar. O exercício do pensar e do fazer não são ações dicotômicas, ao contrário, são indissociáveis e consequentes. Indignação diante de situações de: injustiça, violência, exclusão. Solidarizar-se com o outro; Abertura ao diálogo com o diferente, com o pensamento e temas divergentes. Resiliência; Beleza; Estética; Alegria. Decência. Generosidade; Amor e Raiva; Indignação; Amor humanista; Indignação política Compaixão; solidariedade Disposição ao diálogo, à crítica, à dúvida. Respeito às pessoas. Mudança como processo cultural Coerência Prudência Reação ao fatalismo histórico.

Fonte: Elaboração própria.

Ao visualizar nas obras de Freire, os sentidos que estruturam as chaves do seu pensamento e ação-reflexão no/com o mundo, agrupamos por aproximação de categorias, provisoriamente

identificadas como princípios em torno dos quais, indicamos vocábulos que expressam as relações epistêmicas e metodológicas nas quais se assentam as concepções freireanas. No conjunto, a semântica do pensamento e ação propostos por Freire, reúnem um tratado ético político, revestido de sentidos de humanidade e de alteridade, resultantes das práxis de percursos que constituíram a experiência histórica do autor, na imersão em diferentes realidades, tempos e espaços. Dimensiona as possibilidades do humano na relação no e com o mundo, com as pessoas em suas circunstâncias e contextos, consciente, ativo, criativo, inventivo.

Percebidos no entrelaçamento de posturas, atitudes, coerência e decisão, os princípios delineiam modos de conceber a realidade, refletir acerca dos condicionantes e situações, mensurar as condições objetivas, as possibilidades e os meios de interagir, interferir e promover mudanças significativas, no exercício permanente da dialética concebida enquanto princípio, meio e horizonte da ação humana. Na apreensão dos princípios como rigor, coerência, bom senso, respeito, verdade, liberdade e responsabilidade, contradição, configuram as bases a partir das quais toda e qualquer ação seja pensada, formulada e desencadeada, revestida de uma dimensão sócio-política que não se reduz a meros caprichos e vaidades, disparadas ao sabor dos modismos, tampouco das disposições pessoais, mas que tenham um alcance geracional, capaz de formar eticamente o sujeito para atuar e interagir no seu meio. Os princípios da utopia e da curiosidade impulsionam os sonhos, os desejos e as projeções de um mundo melhor, de novas possibilidades, para além do tempo presente, vislumbra o porvir de novas gerações. Antecipa o futuro almejado, a ser construídos pelas futuras gerações, no aprimoramento da humanidade, da cultura, da experiência ético-política e educativa.

> O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para que, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo (FREIRE, 2000, p. 46).

Na profundidade dos princípios, expressões que evidenciam uma episteme concreta, totalizante da experiência existencial, marcada por desafios e contradições. No potencial de cada princípio, exorta o indivíduo, enquanto agente social, político, cultural e histórico, a fazer a diferença por meio de suas ações e intervenções, visualizadas as conjunturas no sentido macro e micro.

As premissas que apontam os sentidos da alteridade referenciada em Paulo Freire, têm uma associação com os princípios da ética humana, com destaque para aspectos que indicam possíveis posturas e atitudes do indivíduo diante de desafios éticos, estéticos e morais. Acionam reações e sensibilidades concretas frente a situações em que requer um posicionamento de natureza social e política.

A ALTERIDADE EM BUBER, MOUNIER E MARCEL

Uma das marcas do pensamento e da ação pedagógica de Paulo Freire, enquanto autor e intelectual era o diálogo aberto, franco e generoso, sua disposição em se reunir, debater ideias e perspectivas com lideranças mundiais, com a mesma desenvoltura com que ocupava um auditório com professores, alunos, lideranças comunitárias e sindicais. Suas obras expressam as práxis de percursos que constituíram suas vivências em diferentes espaços e tempos.

Ao refletir sobre Ética Humana Universal, na perspectiva de Paulo Freire, vislumbra-se a necessidade de identificar princípios éticos que possam ser ou se tornar universais, portanto, que sejam considerados indispensáveis para a convivência humana.

Ao perscrutar o legado freiriano, identificamos algumas categorias consideradas por Freire como fundamentais para o desenvolvimento da mencionada ética, dentre as quais destacam-se o diálogo, a dignidade da pessoa, a importância da alteridade, a recusa em aceitar o determinismo, a compreensão da pessoa humana como ser em construção. Diante do exposto, foi inevitável lembrar as teorias de Gabriel Marcel, Martin Buber e Emmanuel Mounier, tradicionalmente vinculados às teorias existencialistas, mesmo que não comunguem com esta conexão.

O estudo das obras de Marcel, Buber e Mounier, revelam categorias transversais entre estes pensadores e os sentidos de ética humana na acepção freiriana. Ora, cientes da influência dos referidos autores no pensamento de Freire, inferimos ser relevante consultar as fontes nas quais o educador brasileiro hauriu alguns conceitos que fundamentam suas teorias, de modo a averiguar as possíveis aproximações e inter-relações entre eles.

As teorias desenvolvidas pela tríade de pensadores existencialistas, não obstante serem desenvolvidas na primeira metade do século XX, ainda valem para a sociedade brasileira de nossos dias. Conflitos, desigualdades sociais e econômica, discurso de ódio, Fake News, intolerância, indiferença, individualismo, egocentrismo, falta de altruísmo, revelam nexos entre a realidade por eles contempladas e o cenário da sociedade brasileira deste início de século XXI.

Diante do exposto, resolvemos explicitar tópicos seletos extraídos do legado de Buber, Marcel e Mounier na esperança de que possam contribuir para a interlocução com o legado de freire e, assim, auxiliar na reflexão a respeito das categorias basilares para a ética humana universal a partir da alteridade e suas implicações.

Mounier (1963) revela a crença, segundo a qual, toda e qualquer filosofia é concreta, portanto, emana da existência. Neste sentido, alega que as pessoas devem estar atentas aos desafios suscitados ao longo da sua vida, e quando identificarem alguma demanda, deverão procurar respostas que permitam

superar os desafios encontrados. Este princípio deve orientar as nossas deliberações, no contexto educacional, econômico, político, social e outro que se fizer necessário, o que vale também para o desenvolvimento de propostas pedagógicas fundamentadas na ética universal e humana.

O ente humano, na perspectiva de Buber, Marcel e Mounier, é um ser inacabado, itinerante, em construção. O existente, ao longo da sua vida, é chamado a edificar o seu ser, o que só é possível na relação intersubjetiva, no encontro autêntico com outros viventes. O que foi dito evidência a importância da alteridade, fato que será realçado ao longo deste texto. Neste sentido, vale registrar que o tema da alteridade, deixado em segundo plano pela filosofia clássica, foi elevado ao palco central pelos pensadores existencialistas. A esse respeito, declara Mounier (2010, p. 75)

> O problema do outro é uma das grandes conquistas da filosofia existencialista. A filosofia clássica deixou-o estranhamente esquecido. Expondo os seus problemas de primeira linha: o conhecimento, o mundo exterior, o eu, a alma e o corpo, a matéria, o espírito, Deus, a vida futura - a relação com o outro nunca figurou na mesma ordem que os outros. O existencialismo promoveu-a subitamente ao seu lugar central.

Na perspectiva do existencialismo, o existente, não está só, precisa compartilhar seus sonhos, seus projetos, seus anseios, enfim, sua vida com seus semelhantes se desejar reconhecer o seu próprio ser, sua própria identidade. Se desejar edificar conscientemente o seu ser, precisa se unir a outros existentes, pois somente juntos, na comunhão e participação, apenas no engajamento comunitário poderão criar, renovar, inventar, construir o mundo. Este processo supõe a liberdade, a mútua doação, o compromisso com a alteridade, o mútuo reconhecimento.

O existente não deve viver isolado, ciente de que sozinho, não tem a força criadora que vem da coletividade, da comunidade, do mútuo engajamento. Aqui vale lembrar a distinção que Mounier (1964), faz entre indivíduo e pessoa, esta não consegue, não sabe viver isolada, se sente atraída por outras pessoas, delas se aproxima, com elas compartilha sonhos e projetos, com elas se compromete, e, na mútua doação e acolhimento constituem a comunidade. Nela as pessoas não perdem sua identidade, mas se doam se comprometem de tal forma que não é possível dissociar a pessoa da comunidade. Por sua vez, o indivíduo é egoísta, não consegue se doar ao outro, não acolhe verdadeiramente o outo, dele se aproxima se tiver algum interesse.

Segundo Mounier (1964), na autêntica comunidade não se faz distinção de pessoas, tampouco se discrimina, ignora, avilta. Assim, sem que haja acepção, as pessoas têm voz e vez. Este princípio pode ser um excelente fundamento para se pensar em uma ética pautada na humanidade, no respeito, e se consolidar como elemento imprescindível no combate ao preconceito e a discriminação. Se revela como importante elemento para promover a inclusão e consequentemente dificultar a exclusão.

A impossibilidade de o existente viver só, isolado, é corroborada por Buber (2006), quando alega que o homem é um ser de relações, que podem ser vivenciadas em três esferas: natureza, homens e seres espirituais. E por Marcel, (1964), quando alega que o existente só é capaz de conhecer o seu próprio ser no autêntico encontro, que por sua vez exige estar presente e na presença da alteridade.

Segundo Buber, não existe relação sem uma autêntica reciprocidade. Em suas palavras "Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade" (BUBER, 2006, p. 56). O que foi dito, permite inferir que para vivenciar uma verdadeira relação é imperativo que o existente evoque a palavra princípio Eu-Tu, o que exige mútuo reconhecimento da alteridade, diálogo e liberdade. Novamente se confirma a importância capital da alteridade.

Na perspectiva de Marcel (1964), o encontro autêntico só pode ser vivenciado pelo existente que tenha coragem e disposição para revelar o seu ser ao outro e, ao mesmo tempo, acolher e reconhecer o ser que se lhe revela. Neste sentido, é plausível deduzir que o existente que se torna opaco, inviabiliza ao dialogante reconhecer o seu verdadeiro "Eu", portanto, não vivência o encontro. O que pode ser observado também quando o dialogante recusar a discernir o outro conforme este se lhe revela.

Ao considerar tais premissas, observa-se que o encontro não pode ser vivenciado por quem se torna egoísta, o que pode ser inferido das palavras de Marcel (1964, p. 11), "Na medida em permaneço sobre a influência de uma preocupação egocêntrica, esta atua como uma barreira entre o eu e os outros, e por outros devo entender a vida dos outros, a experiência dos outros." Esta concepção é compartilhada por Buber, que prefere utilizar o termo egótico.

O ente humano, na perspectiva buberiana, não pode edificar o seu ser sem evocar a presença, sem ser capaz de se fazer presente, sem se revelar ao outro e ao mesmo tempo sem reconhecer o outro que se lhe revela, o que só é possível se a pessoa que se disponha a dialogar evocar a palavra princípio Eu-Tu, que implica na relação recíproca, conforme já foi mencionado. Fato corroborado por Marcel (1964), quando discorre sobre o encontro, verdadeiro ou autêntico, que só se concretiza na intersubjetividade vivenciada no Eu-Outro, em outras palavras, quando os dialogantes se reconheçam presentes e na presença do outro.

Embora façam uso de termos e/ou expressões diferentes para refletirem sobre o tema supramencionado, Buber [Eu-Tu], Marcel [Eu-Outro] e Mounier [Pessoa-Pessoa], a ideia matriz é o encontro interpessoal ou intersubjetivo, que, por sua vez exige o incondicional, imediato e recíproco reconhecimento da alteridade.

Diante do exposto, podemos afirmar que a questão da alteridade é tema comum entre os pensadores existencialistas, ateus e teístas. Mas afinal, quem é o outro? Para Marcel é aquele que não sou eu, o que é diferente de mim. A de se registrar que, conforme o supracitado autor, a alteridade é

condição para que o existente tenha consciência e autoconsciência. Em outras palavras, é o olhar do outro que faz com que o "Eu" conheça a si mesmo, e novamente explicita-se a importância da alteridade, ideia legitimada por Buber, conforme seu registro:

> O homem se torna Eu na relação com o Tu. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do Eu se esclarece, aumenta cada vez mais (BUBER, 2006, p. 70).

Na perspectiva de Marcel e Buber, a alteridade é condição para a pessoa saber quem ela é, portanto, para que ela possa desenvolver a autoconsciência, como já mencionado. A alteridade, portanto, é ação recíproca, "O Tu se manifesta como aquele que simultaneamente exerce e recebe a ação, sem estar, no entanto, inserido numa cadeia de causalidades, pois, na sua ação recíproca com o Eu, ele é o princípio e o fim do evento da relação". (BUBER, 2006, p. 71-72). Assim, quem deseja conhecer a si e o mundo precisa experienciar a relação [Buber], vivenciar o encontro autêntico [Marcel] e fazer parte da comunidade [Mounier].

Se admitirmos que o existente edifica o seu próprio ser ao longo da sua vida, e, na medida que o faz arquiteta o mundo. Considerando que este processo supõe pessoas com liberdade de deliberar e agir, não é possível admitir o fatalismo, a crença no determinismo cego e inviolável. Portanto, não devem acreditar no determinismo, pois este nega a livre escolha, portanto nega a liberdade. Neste sentido, vale lembrar o dizer de Buber "A única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento da conversão", e ainda, "crença na fatalidade é falsa desde o princípio" (BUBER, 2006, p. 89). Neste sentido, é preciso mencionar o princípio, segundo o qual, nosso destino depende das escolhas que fazemos e das ações que concretizamos.

As pessoas que desejam experienciar o verdadeiro encontro, conforme a concepção de Marcel, precisam vivenciar três exigências ontológicas, se preferir três virtudes ou caminhos a serem trilhados por quem deseja vivenciar o autêntico encontro, a saber, o amor, a esperança e a fidelidade. Elas são inseparáveis e não podem ser vivenciadas por quem faz opção pelo egocentrismo ou se refugia na solidão, uma vez que supõe a presença, o doar-se ao outro.

O amor impede que a pessoa converta seus semelhantes em objetos, exige sempre a mútua presença, não admite a exclusão, o preconceito e muito menos a indiferença. O amor é uma força que leva ao engajamento, faz com que cada existente transcenda a si e se uma aos outros que adotam o mesmo princípio, na edificação de um mundo no qual valha a pena viver.

Na perspectiva de Marcel, existem duas formas de vivenciar a esperança, uma verdadeira [esperar em] e outra falsa [esperar de]. O que permite indagar se as teorias mencionadas inspiraram

Paulo Freire quando ele estabeleceu a diferença entre o verbo esperançar do verbo esperar. Na ótica de Marcel, no caso do *esperar de* infere-se que a pessoa espera que terceiros façam acontecer o que alega esperar, mas não faz nada para que este fato se concretize. Este posicionamento corresponde ao verbo esperar conforme o dizer de Freire. Por sua vez, quem espera verdadeiramente [espera em], ou seja, confia e conta com o auxílio de seus pares, mas vai fazer tudo o que estiver a seu alcance para tornar real o que espera, o que pode ser relacionado com a teoria de Freire a respeito do esperançar.

A fidelidade, indissociável da esperança e do amor, conforme Marcel, exige união de pessoas em prol de um projeto abraçado por elas. Pressupõe compromisso, doação, engajamento. Aqui retomamos a questão da alteridade, pois para ser fiel supõe autoconhecimento, o que só é possível mediante o olhar do outro, que, por sua vez, exige o encontro, que supõe o diálogo, o respeito, [...]. Neste sentido, pode-se afirmar que a fidelidade é um princípio ético norteador das escolhas de cada pessoa humana. Ela pressupõe a liberdade, o compromisso e a perseverança.

A dignidade de todo e qualquer ser humano, pode ser inferida dos textos de Buber, Marcel e Freire. Neste sentido, vale lembrar que segundo Mounier, o ser humano é *Imago Dei*, imagem de Deus, o que permite deduzir que não deve ser negado, aviltado, menosprezado, tratado com indiferença, com preconceito e/ou discriminação.

Há de se questionar o uso da expressão *Imago Dei*, especialmente por nossa proposta de encontrar categorias que possam embasar os fundamentos de uma ética humana universal. Poder-se-á suscitar uma pertinente indagação, se o termo foi proferido por um cristão, que fez uso da Bíblia, livro sagrado para o cristianismo. Entretanto, o que desejamos enfatizar, com base na analogia é o caráter da inviolabilidade da pessoa, independentemente da etnia, gênero, situação econômica e/ou social, opção política e/ou ideológica. Este princípio, se adotado poderia contribuir para evitar o que foi dito no parágrafo anterior.

O diálogo é uma categoria norteadora das teorias de Buber, Marcel e Mounier. Neste sentido, podemos alertar que o diálogo é condição para convivência, o encontro, a experiência das relações interpessoais, intersubjetivas. O diálogo supõe respeito, atenção, consciência de si e consciência do outro.

Na concepção de Buber (2009), não se tem diálogo autêntico se um pseudo dialogante se tornar opaco, e assim não revelar o seu ser ao que se encontra diante dele em atitude de escuta. Também não haverá diálogo, e, portanto, relação autêntica, se um dos dialogantes não ouvir verdadeiramente o outro, não for capaz, ou se recusar a ver verdadeiramente o ser que se lhe revela, ou ainda utilizar de máscaras e personagens que impeçam o outro de desvelar o seu verdadeiro ser.

No entendimento dos mencionados existencialistas, o diálogo não pode ser concebido como uma disputa, uma batalha a ser ganha a qualquer custo. Ao contrário, o diálogo, se autêntico, pressupõe uma pessoa que se encontra na mutua presença e acolhimento com um ou mais dialogantes, revelando o seu ser, explicitando a sua visão de mundo, os seus projetos, as suas crenças, os seus pensamentos, ao mesmo tempo que reconhece o ser que se lhe revela, como este se desvela, sem a neura de enxerga-lo apenas como gostaria que fosse.

Buber, Marcel e Mounier são pessoas apaixonadas pelo diálogo. Acreditam que o pensamento divergente é de extrema importância, pois possibilita o crescimento dos dialogantes, amplia os horizontes do conhecimento, favorece a convivência, enfim, a conversação com o pensamento divergente propicia a mútua edificação.

Ao refletir sobre uma ética humana universal, conforme o pensamento de Paulo Freire, faz-se necessário pensar em propostas pedagógicas que leve em consideração princípios basilares e imperativos à convivência humana. Princípios pedagógicos pautados em relações humanas autênticas, em princípios que possam ser adotados por qualquer pessoa humana, independente de crença, ideologia, situação econômica, etnia, gênero, ou qualquer outro aspecto que possa servir para distinguir pessoas e povos.

CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA SOBRE OS SENTIDOS DA ÉTICA UNIVERSAL E ALTERIDADE

Na compreensão de ética humana e alteridade enquanto processos constitutivos do ser e estar no mundo, com as pessoas, nas relações e nas práxis de percursos, situamos na reconceitualização interpretativo analítica, a possibilidade dialógica assentada no conceito de humanidade.

Atualizar conceitos, situando eventos recortados nas experiências, oriundas desse tempo de pandemia na terceira década do século XXI, nos instiga a uma imersão nas origens do pensamento ocidental, para compreender alguns aspectos que impulsionaram a apreensão do sentido e o efeito de humano, humanidade que, nos desdobramentos em diferentes tempos e espaços, vem sendo construídos os conceitos de alteridade e de ética humana universal.

Na obra "A Crise da Razão", organizada por Novais (NOVAES, 1996), o autor Francis Wolff, ao abordar o tema "Nascimento da razão, a origem da crise", brinda o leitor com uma problematização muito instigadora, ao questionar que, enquanto essência, (logo eterna), "de que modo a razão poderia nascer?". A impossibilidade de localizar, primeiro um tempo cronológico determinando o nascimento da razão; depois a imprecisão a respeito da crise, enfatizando que, a rigor, a crise é inerente à razão. Adianta que na interpretação medieval a razão enquanto essência do homem, recupera uma visão

aristotélica para demarcar a diferença do humano com as demais espécies animais, colocando-a (a razão e a humanidade) em condição a-histórica, sem possibilidade de mudança. "A razão coextensiva à humanidade".

O autor encaminha a questão do nascimento da razão, para em seguida situar a origem da crise da ideia de razão, ao pontuar que:

> (...) se é possível efetivamente atribuir uma data de nascimento à razão, com a condição de fazer dela o determinante não do Homem mas dos sistemas de pensamento, então se verifica que, desde seu nascimento, a razão foi plural. Com efeito, uma interrogação sobre o Homem ou sobre a história dificilmente conseguirá datar a idade da razão (...)
>
> No entanto, assim que interrogamos a constituição dos modos de conhecimento ou a gênese de práticas discursivas, podemos certamente falar de "nascimento da razão", mas com a condição de ver na razão apenas o caráter do que é pensado ou realizado racionalmente. O substantivo *razão* é substituído pelo adjetivo ou pelo advérbio. Sendo assim temos condições de perceber que não foi a *razão* que veio substituir de maneira inteiramente uniforme o mito, mas racionalidades diversas e conflituais. Tão logo se admite que os modos de pensamento não flutuam no céu das idéias mas estão encarnados em instituições sociais, determinados por práticas políticas e solidários de técnicas discursivas, então pode ficar claro que o pensamento racional se desenvolveu desde o início de modos antitéticos. Jamais houve *uma* nova ordem do saber - racional – substituindo a ordem antiga – mítica. O que ocorreu foi inclusive o contrário: a ordem antiga foi substituída por diversos sistemas igualmente racionais, mas rivais e antagonistas – e é talvez nisso que eles eram racionais! Dito de outro modo, o *nascimento* da razão foi ao mesmo tempo, e necessariamente, sua crise. O que nos obrigaria a romper com a idéia, ela própria mítica, de uma razão unificadora (...) (WOLFF, 1996, p. 69).

Este excerto nos instiga alargar a percepção acerca do que tem sido convencionado como aplicação da racionalidade nos padrões, nos modos de estruturar a sociedade, considerados nas particularidades individuais e coletivas, nas dimensões privadas e públicas que mobilizam as sociedades e as pessoas na dinâmica de ser e estar no mundo. A arquitetura de princípios, valores, crenças, referências são resultantes de costumes distintos, com maior ou menor influência nas acepções, nas maneiras distintas de organizar a vida em diferentes espaços e tempos. Reduzir a razão a uma visão linear cartesiana, não expressa a pluralidade, nem a diversidade, tampouco a dimensão questionadora e contraditória que a razão, desde a origem, evoca na constituição de novos sistemas de organização dos saberes (WOLFF, 1996).

Estaríamos nesta primeira metade do século XXI, imersos em processos de ruptura dos modelos e padrões que sedimentavam as metanarrativas da modernidade, as teses do iluminismo? A pandemia mergulhou a humanidade em um redemoinho complexo, em que a compreensão do normal que outrora guiava nossa experiência racional foi desmontada. Prevalecem as incertezas, a dúvida converteu-se em sinônimo de pânico, de adoecimento físico e emocional. Qual humanidade? Ainda subsiste um discurso comum, capaz de direcional o que se compreende por normal, ética humana, alteridade?

Em outra obra "Ética", também organizada por Novais (Cia das Letras, 1992), Nicole Loraux ao dimensionar "A tragédia grega e o humano", a percepção de humanidade, cujo despertar se dá na interlocução do eu e do outro, fora dos padrões sociais estabelecidos na sociedade grega.

> (...) Convencida de que cada gênero depende de uma recepção que lhe e própria, recuso-me a analisar a de *Os persas* em termos que conviriam melhor à de um *epitáphios*: não foi, portanto, um elogio de Atenas que os cidadãos reunidos nas arquibancadas do teatro de Dionísio escutaram na tragédia de Ésquilo. Ou, ao menos, não apenas. Porque toda tragédia – concebo pelo menos essa hipótese – tem muito a ver com a encenação de um luto; é quase certo que, em um drama que se assemelha a um longo *threnos* (a uma lamentação versificada), os cidadãos de Atenas tenham ouvido, nas queixas do inimigo abatido, algo que lhes dizia respeito para além de sua identidade de atenienses. Algo que chamarei *o humano*: o sentimento, embora confuso em cada um, de que se é irrevogavelmente tocado por outrem (LORAUX, 1992, p. 20).

Ao "examinar o que a tragédia grega diz em seu próprio nome sobre o homem e o humano", a autora interpreta nos efeitos da tragédia, os modos de apropriação, sobretudo, como o discurso trágico 'afeta' e contagia o público, quando a obra grega é deslocada em diferentes tempos e espaços. Faz alusão sobre os modos desse despertar do humano, visualizado na inquietude, na reação e na interação do outro diante do épico. Problematiza questões acerca do sentimento de pertença instigado nas pessoas em circunstâncias e ocasiões igualmente distintas, relacionando fenômenos e tragédias atualizadas em contextos distintos.

> (...) nosso projeto não era, precisamente, buscar tudo aquilo que, na tragédia, tenta, para além do onipresente material político, articular um discurso *comum*? Um discurso que, pelo lado da ficção teatral, sugeriria uma comunidade mais ampla que a dos cidadãos, mais vasta que aquela que ocupa as arquibancadas do teatro. Uma comunidade virtual, ou pelo menos *apenas representada*, já que tão-somente a encenação lhe dá existência por um tempo, mas com força bastante para que as lamentações dos persas por suas cidades despovoadas despertem nos atenienses algo diferente da embriaguez da vitória.
> Resta tentar compreender de que modo o *páthos* dos persas podia dizer respeito a espectadores que, a título de cidadãos, não conheciam para si mesmos outra destinação que não uma atividade toda devotada à cidade, outra proibição que não o *threnos* e o desencorajamento. Com certeza, trata-se da *kátharsis* (LORAUX, 1992, p. 28).

É preciso que a pandemia seja problematizada para além das sensações, das reações sazonais e dos dramas pessoais. Faz-se necessário considerar que o lastro dos efeitos, somados das experiências individuais, compõe um volume expressivo de múltiplos caos. Percebidos enquanto dispositivos que entrecruzam o desmonte de padrões, rompem com costumes, promovem vazios abissais, que talvez somente o tempo indicará as dimensões e as consequências geracionais.

O luto não se resume a uma metáfora transitória, envolve dores, adoecimentos, sofrimentos distintos, cujos efeitos atingem pessoas em variadas escalas, sob circunstâncias e condições adversas. Não é somente o corpo físico e psíquico que sofre, mas o *corpus*: social, cultural, político, científico,

produtivo foram mutilados, vivenciam rupturas, distanciamentos e deslocamentos; há vazios preenchendo os sentimentos de pertença! Haverá um novo normal? Sob quais bases e referências estará sedimentado? Para qual direção aponta o caleidoscópio do porvir?

Por vezes, a práxis de percurso indica o caminho reflexivo gerado nas e pelas vivências, enquanto condição para a interpretação analítica desencadeada por questões para as quais não temos respostas, nem verdades. Porém, ao dimensionar as incertezas, acolhemos na resiliência imperativa da vida, o impulso necessário para continuar na dignidade do ofício, pensando, sentindo, sonhando as possibilidades de restauração.

Neste espírito, demarcamos a pandemia como uma tragédia do nosso tempo, a ser dimensionada na complexidade de efeitos, sequelas e consequências. Assim, a tragédia, ao dimensionar a condição humana, se coloca enquanto discurso questionador das certezas estabelecidas nos padrões da ética e da moral que regularizam a sociedade grega. "(...) a tragédia proclama soberbamente o laço estreito que une a piedade ao sentimento que, no inimigo, esse outro, sabe ver um momento de si – ameaçado, mortal, frágil". (p. 30). Sobretudo, concordando com a autora: na tragédia se questionam as certezas que outrora sedimentaram a ética e a moral grega.

Os modos de reagir, no sentido de humanidade restaurada, a tragédia ensina, que (...) espectadores ativos ou, pelo menos, atentos ao que, no teatro cívico, lhes era proposto de perfeitamente desconcertante: um universo onde, sobre si mesmo, aprende-se mais com o inimigo do que com o amigo, porque o terrível e a morte são lugares obrigatórios do humano.

A leitura filosófica nos situa na compreensão de em diferentes tempos, espaços e circunstâncias, há modos de apreensão e aplicação da racionalidade, dimensionados por padrões, princípios e interesses, em que prevalecem disputas no campo dos discursos, assim como naquilo que convenciona a organização dos saberes. A experiência existencial historicamente demarcada em tempos e espaços distintos indica que jamais estaremos a salvo de situações, nem de circunstâncias isentas de crises, nem de tragédias. A compreensão de que a racionalidade se assenta sob modos discursivos múltiplos, diversos e contraditórios, propicia diferentes percepções quanto aos efeitos e reações diante das crises e das tragédias, expõem nossas contradições e vulnerabilidades nos momentos de rupturas, incertezas e caos. Nesses percursos, exercitamos a humanidade e alteridade enquanto práxis que se expressa nas vivências, nos enfrentamos e disposições estabelecidas no plano individual e coletivo, nas relações entre o eu e o outro, no sentido de pertencimento, no edifício de valores éticos, estéticos inerentes à sociedade e às instituições.

CONCLUSÕES

A leitura interpretativa das categorias teóricas que subsidiaram a interlocução com os autores, nos impulsiona a extrair lições provenientes do deserto da pandemia, nos exortando à questão do estudo: o que temos a aprender e a restaurar no sentido ético-humano?

Do mesmo modo que o normal que se tinha antes da pandemia jamais voltará, numa pretensa continuidade do ponto de onde paramos, também é imperativo a atualização acerca da ética humana universal e da alteridade para um pós-pandemia que seja edificante e novo no sentido humano. Não é possível uma continuidade do normal de outrora, na medida em que não somos mais os mesmos, atravessamos um tempo em que fomos forjados sob múltiplas formas, talhados no e pelo sofrimento de muitos desertos. As experiências que constituíram as práxis de percursos são complexas, divergentes, moldaram pessoas e relações. Restaurar é preciso!

Aspectos subjetivos que atravessam o pensamento, a escrita e as percepções dos autores frente às questões de cada época, dimensiona o sentido ontológico que atribuem à ética, ao comprometimento social e à sensibilidade frente a situações de exclusão, violência e demais expressões de desumanidade. Suas reações diante da injustiça, a raiva, a indignação, são expressões de posicionamento do sujeito que pensa, sente e se manifesta diante das adversidades.

Ao refletir sobre a chamada ética universal, compreendida como valores que possam ser vivenciados em qualquer época e lugar, por qualquer pessoa humana, encontram elementos basilares nos legados de Freire, Buber, Marcel e Mounier. Destacam-se a relevância do diálogo, o que implica na mútua valorização dos dialogantes, pessoas que se doam e se acolhem sem perder as respectivas identidades e sem se aviltarem. O que nos leva a responder positivamente a primeira indagação que explicitamos nas primeiras páginas deste texto. A concepção de Alteridade, supracitados está vinculada a ética universal.

As categorias difundidas pela tríade existencialista, que comungam com o legado freiriano são fundamentais para quem deseja edificar sociedades humanizadas, promover o respeito a diversidade, acolher a alteridade, enfim, vivenciar o encontro enquanto pessoa que reconhece e é reconhecida enquanto tal por interlocutor/a que também é pessoa. Este proceder é bem-vindo em nossos dias, especialmente diante da crescente polarização difundida nos meios de comunicação de massa, especialmente nas redes sociais que indicam caminhos marcados pela despersonalização.

No tempo de pandemia e pós-pandemia, tempo marcado pela expressão ‘novo normal’, é imperativo refletir sobre os problemas já identificados, averiguar o lastro dos obstáculos e das possíveis respostas, para superar o caos e seus respectivos efeitos desumanizantes e despersonalizantes, que, por

vezes, propiciam vazios existenciais, dores, adoecimentos e sofrimentos distintos. Nesta empreitada, contar com o coletivo de pessoas, que com seus múltiplos e distintos olhares buscam respostas para edificarem comunidades nas quais a vida e a dignidade sejam o norte das deliberações, vale a pena. Se assim for, tem relevância a ética universal que emana de Freire, Buber, Marcel e Mounier.

Ancorados nos princípios do rigor, da coerência, da liberdade, da responsabilidade, da contradição, do respeito, do bom senso, da utopia, da curiosidade gnosiológica. Assentados na capacidade da crítica, da autocrítica; da generosidade, da indignação expressiva do afeto, da reação restauradora da humanidade, evidenciamos os pontos de interlocução e as possibilidades do diálogo com os autores. Enquanto processo constitutivo da alteridade, de novos referenciais para a ética humana universal, enfim, da humanidade preconizada nas obras e pensamentos dos clássicos referenciados. Dimensiona o que se almeja do futuro, alicerçando no presente as premissas para a construção de uma humanidade restaurada na e pela experiência da pandemia e das crises neste início de século XXI.

REFERÊNCIAS

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

FORTUNATO, I. “Como Paulo Freire (me) ajuda a trabalhar no ofício de professor formador”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 37, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da UNESP. 2000.

FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não**. São Paulo: Editora Olho D’Água, 1997.

LORAUX, N. “A Tragédia grega e o humano”. *In*: NOVAES, A. (org.) **A Ética**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

MARCEL, G. “De la negación a la invocatión”. *In*: MARCEL, G. **Obras Seletas**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianós, 2004.

MARCEL, G. **Le mystèrie de l’être**: foi et réalité. Paris: Aubier-Montaine, 1964.

MARCEL, G. **Os Homens Contra o Homem**. Porto: Editora Educação Nacional, 1951.

MARTINS, M. K. S. *et al*. "Paulo Freire, pedagogia do oprimido e currículo". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 7, n. 20, 2021.

MOUNIER, E. **Introdução aos existencialismos**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1963.

MOUNIER, E. **Introduction aux existentialismes**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

MOUNIER, E. **Manifeste au service Du personnalisme**. Paris: Éditions Du Seuil, 1961.

MOUNIER, E. **O Personalismo**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1964.

NOVAES, A. "A Lógica Atormentada". *In*: NOVAES, A. (org.). **A Crise da Razão**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1996.

SANTOS, J. A. "Formação de professores: breve relação do conceito de diálogo de Paulo Freire com o dialogismo bakhtiniano". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 10, n. 28, 2022.

WOLFF, F. "Nascimento da Razão: origem da crise". *In*: NOVAES, A. (org.). **A Crise da Razão**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1996.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 44| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima